

## (RE)APROPRIAÇÃO DO CONTEXTO COMO CONDIÇÃO À COMPREENSÃO HERMENÊUTICA

Janaína Bueno Bady<sup>1</sup>  
Louise de Quadros da Silva<sup>2</sup>  
Elaine Conte<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo do trabalho visa discutir sobre a importância do contexto na compreensão de algo, seguindo os veios da hermenêutica. Para isso, a presente investigação incluiu uma revisão de literatura, além de um relato de experiência. Apontam-se como principais resultados a aproximação e a relação com o contexto para a compreensão do objeto investigado pela hermenêutica. As considerações finais revelam a necessidade da construção do diálogo vivo e crítico com o contexto e com a própria tradição cultural como condição inerente à compreensão hermenêutica e ao horizonte da experiência educativa.

**Palavras-chave:** Hermenêutica; Contextos; Compreensão; Processo formativo.

### (Re)appropriation of the context as a condition to the hermeneutic comprehension

**Abstract:** The objective of this essay is to discuss the importance of context for understanding something, following the lines of hermeneutics. For this, the present investigation included a literature review, in addition to an experience report. The main results are the approximation and the relationship with the context for the understanding of the object investigated by hermeneutics. Final considerations reveal the need to build a living and critical dialogue with the context and with the cultural tradition itself, as a condition inherent to hermeneutic understanding and to the horizon of the educational experience.

**Keywords:** Hermeneutics; Contexts; Understanding; Formative process.

## INTRODUÇÃO

O grande problema da humanidade é que todos nós somos idênticos e diferentes, e precisamos lidar com essas duas ideias que não são compatíveis. (Edgar Morin, 2018, online).

---

<sup>1</sup> Universidade La Salle ([jana.aletheia@gmail.com](mailto:jana.aletheia@gmail.com)).

<sup>2</sup> Universidade La Salle ([louise.quadrosdasilva@gmail.com](mailto:louise.quadrosdasilva@gmail.com)).

<sup>3</sup> Universidade La Salle ([elaine.conte@umilasalle.edu.br](mailto:elaine.conte@umilasalle.edu.br)).

O texto pretende renovar a discussão de que existe um ponto vital que não é abordado pelo ensino, limitado, muitas vezes, à pedagogização e às abstrações textuais: a compreensão humana. A hermenêutica consiste em uma metodologia voltada à compreensão de textos e culturas plurais, de múltiplas linguagens e contextos, ou seja, é a arte da interpretação que visa à liberação das contradições e o autoesclarecimento do próprio agir no mundo. Por meio da visão crítica dos textos, a hermenêutica é capaz de perceber as tradições filosóficas superadas por ela, compreendendo que, mais que a verdade do texto, há o sentido contextual que o envolve, mediante os processos históricos e culturais (STEIN, 2004; KUHN; CALLAI, 2020). Nesse sentido, apresenta-se favoravelmente à abertura do diálogo com a experiência do agir pedagógico que elaboramos esse estudo, indicando a questão do contexto como exigência para penetrar nos processos educativos e no horizonte compreensivo da hermenêutica.

A relação entre compreensão hermenêutica e contexto, segundo Heidegger (2009), ocorre através do entendimento do todo, na medida em que o homem é um ser-no-mundo e nossa aproximação aos objetos somente acontece por intermédio da linguagem. Isso acontece porque o objeto está inevitavelmente inserido num contexto onde temos a possibilidade de ultrapassar os próprios preconceitos. Assim, as diferentes experiências dos atores sociais envolvidos no processo constituem os limites das interpretações e versões do processo de conhecimento, incluindo o estar-no-mundo, em que há uma tensão entre o texto e o presente, intérprete e objeto, que estão inseridos em um acontecer (HEIDEGGER, 2009; STEIN, 2004).

Heidegger (2009) complementa dizendo que apenas depois da experiência começamos a compreender, isto é, depois que somos de fato seres-no-mundo. Isso significa que o objeto de pesquisa possui uma dimensão histórica e exige um sujeito situado em seu tempo, sem os quais aquele não será completamente compreendido. Toda interpretação que se põe no movimento compreensivo não deve ignorar o caráter contextual da experiência humana, presente no ato de interpretar. Em todo compreender do mundo a existência está compreendida e vice-versa. A interpretação se funda existencialmente no compreender e não o contrário. Desse modo, podemos dizer que interpretar é elaborar as possibilidades projetadas no compreender (HEIDEGGER, 2009).

Para este estudo, utilizamos a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Este tipo de pesquisa, conforme Gil (2008, p. 51), “vale-se de materiais que não

receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Em seguida, a fim de ilustrar o conceito de hermenêutica, realizamos um relato de experiência de uma situação que propõe uma compreensão acerca da importância do contexto. Isto posto, buscamos por respostas e novas perguntas que tenham o “como”, como possibilidade de experimentar os dilemas de nossa singularidade da experiência (GIL, 2008; YIN, 2015).

Com base nas ideias até o momento descritas, faremos uma breve reflexão em torno de uma atividade realizada em sala de aula com 10 estudantes, com participação espontânea, de uma turma de 14 matriculados do curso de pós-graduação no segundo semestre de 2018. Estes estudantes se prontificaram a experimentar um texto retirado de um determinado contexto histórico em busca de uma compreensão hermenêutica. O diálogo com essa historicidade que nos é constitutiva transcorreu observando as conclusões dos estudantes antes e depois da contextualização da experiência com o texto.

Após esta breve introdução ao tema pesquisado, seguiremos para o referencial teórico, a fim de verificar conceitos da tradição cultural sobre hermenêutica, compreensão e contexto. Sendo assim, traremos os termos pertinentes à pesquisa, a saber: *Hermenêutica e a compreensão*; *Situação hermenêutica*; *A importância do contexto*; e *Relato de experiência*. Feito isso, encaminhamo-nos para a análise e discussão do conteúdo com as compreensões observadas. Por último, apresentaremos as considerações finais, de maneira a evidenciar os principais achados da pesquisa.

## **HERMENÊUTICA E A COMPREENSÃO**

Hermenêutica é o ato de compreender algo com maior amplitude possível, buscando esclarecer uma outra racionalidade do próprio agir no mundo pelas condições do discurso e da linguagem, investigando também seu contexto factual, histórico e individual. Em vista disso, entender algo hermeneuticamente requer uma análise minuciosa dos detalhes em torno da experiência formativa sobre este algo, no diálogo ético que envolve a responsabilidade e o comprometimento com o outro, por meio do respeito e do reconhecimento recíproco. Nas palavras de Gadamer,

Compreender não é, em todo o caso, estar de acordo com o que ou quem se compreende. Tal igualdade seria utópica. Compreender significa que eu posso pensar e ponderar o que o

outro pensa. Ele poderia ter razão no que diz e no que propriamente quer dizer. Compreender não é, portanto, uma dominação do que nos está à frente, do outro e, em geral, do mundo objetivo. (GADAMER, 2000, p. 23).

Segundo Gadamer (2006), o sentido da investigação hermenêutica está em revelar o milagre da compreensão. Compreender significa participar de uma perspectiva comum pela necessidade de reagendar o diálogo vivo e operar uma mediação entre o presente e o passado inerente ao horizonte do contexto. Os desafios da hermenêutica na cultura plural da educação contemporânea residem em provocar o diálogo crítico com a própria tradição cultural, gerando a problematização e a reconstrução do texto, para que mergulhados no contexto possamos estudar um fenômeno humano complexo, aberto e flexível, a fim de mobilizar a compreensão recíproca.

A hermenêutica contribui para o crescimento e para as infinitas possibilidades de construção mútua e interdependente de outros saberes (GADAMER, 2005; ANDRADE; DE CERQUEIRA NETTO, 2019). De acordo com Gadamer (2005, p. 356), “[...] quem quiser compreender um texto realiza sempre um projetar”, situado no saber e na ação vital, que leva à reflexão, às dúvidas em relação à vida e que se mostra nas experiências complexas. Palmer (2006), por sua vez, conceitua hermenêutica como a ciência da compreensão, que desvenda as estruturas existenciais que circundam a ação humana, desocultando o que parece familiar, perguntando e trazendo os desdobramentos de uma tradução que envolve riscos, contextos históricos e a diversidade das expressões socioculturais da vida.

Hermann (2002, p. 13) trata a hermenêutica como uma forma de racionalidade, pois diz que “[...] ao produzir saber, ao dizer como as coisas são o homem produz a racionalidade, evidenciando uma estreita relação entre os dois termos – saber e racionalidade”. E nessa perspectiva, a autora pontua algumas relações entre hermenêutica e educação, na tentativa de superar os ditames da cientificização, ao afirmar que:

[...] a hermenêutica tem que desconstruir uma racionalidade que, colocada sob limites estreitos, quer mais a certeza que a verdade, e demonstrar a impossibilidade de reduzir a experiência da verdade a uma aplicação metódica, porque a verdade encontra-se imersa na dinâmica do tempo. (HERMANN, 2002, p. 15).

Por conseguinte, entendemos que ensinar a compreensão a partir do olhar hermenêutico não é possível através de um método único, pré-estabelecido, absoluto e rígido. Isso porque, a hermenêutica exige considerar os diversos elementos do contexto, como o tempo, o ambiente, a história, entre outros. Por isso, o método precisa ser flexível e deve se adaptar constantemente ao longo do processo, no diálogo e na possibilidade de experimentar o mundo humano de imprevisibilidades. Hermann (2002, p. 29), salienta que “[...] abrir novas possibilidades de reflexão é basicamente o desafio de uma abordagem hermenêutica”.

Compreensão se constitui como um processo na dinâmica do conhecimento, sem negar a totalidade da historicidade que nos é constitutiva, incluindo o estar-no-mundo. Tal horizonte compreensivo está ligado às condições e ao modo de ser-no-mundo, ou seja, nós só atribuímos sentido ao que experimentamos na relação de nossa singularidade com o outro, em suas objeções, críticas ou aprovações, com o texto e assim por diante. Conforme Heidegger (2009), o ser se encontra onde o que acontece pode ser compreendido, o mundo é o próprio ser e o homem é o ser-no-mundo. Dito de outro modo, “[...] o compreender e o sentido do ser relacionam-se como condição existencial, daí que o sentido que a compreensão oferece não é inamovível.” (HERMANN, 2002, p. 35).

No mesmo sentido, Josgrilberg (2017, p. 81) diz que: “A compreensão tem em vista uma totalidade que inclui a vida das pessoas, a vida concretamente vivida, que mantém a tensão do sentido com o vivido”. O autor enfatiza ainda que a compreensão “[...] é essencial para que se visualize o círculo hermenêutico entre sentido e vida (há várias formas de conceber essa circularidade)” (JOSGRILBERG, 2017, p. 81). Quer dizer que sempre compreendemos enquanto adotamos um comportamento reflexivo diante da tradição para compreender o todo, e enquanto compreendemos o todo sempre nos compreendemos. Há uma impossibilidade de separação entre sujeito e objeto, já que no fato histórico sempre estamos em devir processual e, de certo modo, imersos nas relações com os outros no mundo, não podendo ter um distanciamento total, como ocorre na observação de um fenômeno físico (STEIN, 2004).

Vemos então que a hermenêutica se dá pelo compreender, sem deixar escapar os detalhes e os motivos, ou perguntas de determinados achados que permanecem abertas. O método vai se constituindo na possibilidade da

experimentação do diálogo com o outro e com o mundo, consoante às indicações textuais, para que possam ser questionadas as certezas, as dúvidas, os limites do conhecimento ou as possibilidades que surjam no caminho. Neste caso, temos uma situação hermenêutica, que será melhor explicada a seguir.

## SITUAÇÃO HERMENÊUTICA

Seguindo nossa contextualização teórica, a partir da hermenêutica, apresentamos aqui a situação hermenêutica, a qual refere-se a uma espécie de “lugar” que cada pesquisador atinge via instrumentos teórico-práticos que têm à disposição para fazer uma avaliação do campo, quer dizer, parte do pressuposto de buscar o diálogo com a totalidade de contextos, fazendo emergir a pluralidade compreensiva entre interlocutores com conhecimentos falíveis e contingentes (STEIN, 2004). Dessa forma,

Não há como compreender a realidade da prática educacional sem o conhecimento de como tal prática se estrutura no seu desenvolvimento cotidiano, do mesmo modo em que, sem o amparo teórico adequado, as pesquisas empíricas podem não ser capazes de problematizar os dados coletados e, por conseguinte, de transcender a condição de simples descrição da realidade (DALBOSCO; SANTA; BARONI, 2018, p. 152).

A “[...] hermenêutica auxilia na compreensão dos possíveis sentidos outros que a tradição e a realidade apresentam e que permanecem não lidos ou compreendidos.” (KUHN; CALLAI, 2020, p. 7). Situação hermenêutica na educação é quando se atingiu uma visão aproximada das relações da própria experiência educativa sobre um campo de pesquisa, sem recair em contextos restritos ou numa visão unidimensional e vazia de sentido como um todo. De acordo com Hermann (1999, p. 14), a “[...] consciência histórica é a própria situação hermenêutica, uma situação que limita nossas possibilidades de ver e à qual vincula-se o conceito de horizonte”. Essa nada mais é do que o contexto, sendo, nas palavras de Stein (2004, p. 106),

A consciência de que o investigador está vinculado ao seu objeto e que o desenvolvimento de suas análises depende da capacidade de autocontrole, do método que utiliza, dos procedimentos de avanço no reconhecimento e do comportamento do objeto sob investigação. Sem uma certa situação hermenêutica, não seríamos capazes sequer de escolher um livro. Quando escolhemos um livro, já sabemos onde situá-lo, senão a nossa escolha pode estar equivocada.

Para realizar essa tarefa, convoca-se uma multiplicidade de saberes e práticas da cultura, tendo em vista que a situação hermenêutica “[...] vincula-se ao conjunto de experiências trazidas na História que formam indissociavelmente nosso raio de visão e pré-moldam nossas interações intelectivas com os fenômenos que se nos postam à frente”. (PEREIRA, 2001, p. 27). Logo, essa advém pelo cenário histórico do objeto investigado, assim como pela tradição e pelos conhecimentos do pesquisador e segundo as diferenças das práticas consideradas no meio em que este fenômeno está inserido em confronto com a realidade do objeto.

É interessante destacar que somos seres no mundo, ligados a um contexto específico e em constante devir formativo, e estamos envolvidos em uma situação hermenêutica desde nossas primeiras descobertas da vida, seja por meio da fala, da memória, da leitura visual do mundo ou dos próprios objetos. Crocoli (2012, p. 8) nos lembra que compreender a historicidade do ser é compreender seu contexto, visto que “a interpretação é uma elaboração de sentido que surge do próprio lugar onde se está”. Seguindo essa linha de raciocínio, acrescenta:

Desde o nascer, todo ser humano se encontra em uma situação hermenêutica em que o compreender e o interpretar se tornam uma exigência ao se considerar a constituição humana na linguagem em que as coisas, os fatos, os outros e o si mesmo adquirem relações de sentido e significado. (CROCOLI, 2012, p. 8).

Desse modo, as representações da própria tradição são postas em xeque, no sentido de que precisamos transcender ao mundo e analisá-lo de fora, pois, a “filosofia, portanto, fala sobre o mundo e as ciências falam dentro do mundo” (STEIN, 2004, p. 11). Consequentemente, para investigar algo, devemos iniciar pelo “[...] contexto em que se dá a recepção da obra, como ela é interpretada e sob que *horizonte de sentido* são produzidos seus entendimentos” (HERMANN, 1999, p. 14). Sempre é bom recordar que o nosso pensar está inserido dentro de um contexto e, nesse sentido, “[...] se quisermos progredir, precisamos ter uma espécie de tranquila lucidez, transparente percepção de que estamos nos movimentando dentro de uma certa linha, de um certo paradigma de análise, de reflexão e isso é a questão da hermenêutica”. (STEIN, 2004, p. 89).

## A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO

Para compreendermos algo, em uma perspectiva hermenêutica, precisamos considerar o contexto. Na perspectiva de Edgar Morin (2000), não compatibilizamos a preocupação com a transmissão e assimilação de conteúdos numa época de grande complexidade de informações e, por isso, não conseguimos *ensinar a compreensão* das condições de um conhecimento que não mutila o seu saber, tornando-o prisioneiro das próprias conceituações fechadas da cultura especializada. No horizonte da discussão, está a hipótese de que é preciso ter uma visão que possa estudar a incompreensão (o racismo, a xenofobia, o machismo, a homofobia, os dogmatismos) dos diversos discursos vigentes na educação, com o objetivo de auxiliar pedagogicamente o aspecto conceitual da cultura. Mas, também, refletir a dialética da cultura em suas relações junto ao processo educativo para que esse processo pedagógico possa voltar a ter sentido e ter vida. Enfim, tudo isso implica na capacidade do professor de colocar o conhecimento no contexto global (MORAN, 2000; 2018).

A crise na educação e nos processos de ensino surge por conta da ausência desses momentos interpretativos e compreensivos dos contextos e das contradições humanas, em que os professores precisam dialogar com os outros saberes e com os estudantes, posto que essa produção de um saber partilhado e mais comprometido com a reflexão ainda não aconteceu. Em termos pragmáticos, a compreensão hermenêutica na educação acontece,

Por exemplo, quando um professor passa uma lição a um aluno, que vai buscar uma resposta na Internet, ele deve posteriormente corrigir os erros cometidos, criticar o conteúdo pesquisado. [...] O conhecimento complexo evita o erro, que é cometido, por exemplo, quando um aluno escolhe mal a sua carreira. Por isso eu digo que a educação precisa fornecer subsídios ao ser humano, que precisa lutar contra o erro e a ilusão. (MORIN, 2018).

Diante dessas constatações, Edgar Morin (2018) questiona: “É possível sairmos de uma visão fechada em formas particulares para o pensamento complexo, capaz de ver os problemas em sua integralidade?”. Para compreender um texto, por exemplo, precisamos ir além da decifração dos signos por meio do dicionário ou da gramática, porque o texto carrega uma função e um horizonte social que precisa ser levado em consideração para reconstruir o mundo de possibilidades do autor e dos intérpretes dos conteúdos apreendidos, a partir da totalidade do contexto. As palavras englobam o



processo interpretativo que não tem significado fixo e unívoco no texto em si independentemente das formas de uso e dos contextos de aplicação. Por tudo isso, “a hermenêutica parte do pressuposto que toma como ponto de partida a impossibilidade de o sujeito conhecedor colocar-se fora desse seu contexto querendo distanciar-se dele, a fim de dominá-lo” (FLICKINGER, 2010, p. 157).

A partir de inter-relações que constituem o mundo podemos ressignificar as palavras e os aspectos que afetam a comunicação, criando novas expressões para dizer o que não era possível ser dito. A compreensão se constitui como totalidade, incluindo o estar-no-mundo e a interpretação, a qual relaciona inteiramente o texto ao seu contexto de sociabilidade. A hermenêutica utiliza o diálogo na construção e interpretação da cultura e sua compreensão acontece por meio da linguagem, que pressupõe abertura ao outro na investigação social. Somente através do diálogo há possibilidade de entender o contexto estudado, além das falas e ações dos participantes, aliando o conhecimento dos clássicos da tradição cultural às discussões emergidas das práticas cotidianas, rumo à compreensão mútua. O acesso aos objetos é possível por meio da capacidade humana de atribuir significado ao mundo pela linguagem. A linguagem, assim, é a forma como tudo sobrevém (STEIN, 2004).

Sidi e Conte (2017) dizem que a hermenêutica reconfigura a interdependência linguística, reconhece a voz do outro e exige a reconstrução aberta à interpretação do contexto, valorizando os discursos dos sujeitos, de onde surgem novos sentidos à apropriação dos estudos históricos. Evidentemente, “[...] não se pode ignorar a historicidade e o *lugar* ou *contexto*, tanto do texto quanto do intérprete e em estreita conexão a *aproximação de horizontes*” (ADAMS, 2016, p. 238). A atitude hermenêutica engloba a arte do compreender, compondo um ato infinito de reconciliação com o outro, com a natureza, com a realidade e com o mundo da vida. Pode ser entendida como o ponto de partida reflexivo da formação cultural, a forma pela qual interpretamos algo no movimento de ressignificação com o outro, para apoiar a sua complexidade crescente, que obriga o sacrifício das individualidades egocêntricas não obstante preservadas da homogeneidade, tendo em vista as contradições humanas. Tal interpretação origina-se de um texto, um gesto, uma ação, uma fala de abertura e relação com o outro, que é capaz de se comunicar, de interagir.

Essa abordagem busca uma reflexão e uma compreensão sobre o que nos circunda, considerando as diferentes tradições e experiências, entendendo que ao interpretarmos algo o relacionamos diretamente com a nossa visão de mundo, construída a partir de nossas experiências socioculturais anteriores. E isso porque, segundo Stein (2004, p. 91), a “[...] relação sujeito-objeto é fluida e muitas vezes a pessoa se modifica pelas descobertas que faz em psicanálise, em história, em sociologia, em antropologia e modifica a percepção do mundo exterior”. Vemos esse contexto exemplificado na Figura 1.

**Figura 1:** Objeto e contexto



**Fonte:** Elaboração própria.

Gadamer (2005, p. 407) sustenta que “[...] nossas reflexões sempre nos levaram a admitir que, na compreensão, sempre ocorre algo como uma aplicação do texto a ser compreendido à situação atual do intérprete”. Portanto, é necessário que aquilo que tentamos interpretar faça sentido para nós e nos sensibilize para pensar e investigar, inclusive, a manipulação ideológica subjacente às imagens, símbolos, signos, textos, informações e ícones produzidos em sociedades complexas. Essa visão crítica e de base comunicativa de mundo constitui-se por intermédio das inter-relações em determinado contexto histórico, cultural e social.

A compreensão sempre se dá ligada às condições expressivas e ao modo de ser-no-mundo, quer dizer, quando o diálogo permite o alcance da autocompreensão e da compreensão do mundo (HABERMAS, 1994). Por esse caminho, mediados comunicativamente, o ensino passa a compreender as necessidades próprias dos diferentes contextos, tecendo a formação interpretativa, expressiva e cultural de indivíduos constituídos

intersubjetivamente. Só nessas condições é possível transformar o entendimento subjetivo, superficial e desumano em saber cultural, construído coletivamente pelas reivindicações críticas da linguagem.

Complementando, Stein (2004, p. 95) diz que “[...] os fatos históricos jamais conseguem ser interpretados, de tal maneira, que os coloquemos num nicho de museu porque não há mais nada a dizer sobre eles”. Por fim, o objeto do conhecimento tem uma compreensão conceitual do aprisionamento teórico a que ficou submetido, fazendo uso de diferentes sistemas de linguagem, conforme o momento, o lugar, o pesquisador, entre outros elementos apreendidos do contexto histórico da sua compreensão. Assim, notamos que a abordagem hermenêutica permite múltiplas possibilidades compreensivas.

A recuperação do chão hermenêutico que nos constitui como sujeitos sociais e históricos, no pano de fundo das nossas experiências e aprendizagens do legado cultural da humanidade, nos encaminham a pensar que “[...] é importante saber que nas ciências humanas sempre existe um *resto* que nos escapa e é esse *resto* que nos escapa num momento determinado, que num outro momento poderá se mostrar”. (STEIN, 2004, p. 96). Outrossim, podemos verificar que “[...] objeto e sujeito não se separam, porque mergulham numa certa tradição. Ao lermos um artigo, um livro, saberemos dizer onde se situam, dentro de uma determinada tendência”. (STEIN, 2004, p. 109). Tais tendências não podem ser ignoradas ou consideradas estranhas pelos processos de ensinar e aprender, em função dos autoritarismos e didatismos rígidos, descolados da dialeticidade com essas realidades históricas do universo formativo.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CONTEXTO HERMENÊUTICO**

Após tais conceituações referentes à leitura hermenêutica realizada, podemos seguir para o proposto relato de experiência, que apresenta uma percepção sobre a compreensão hermenêutica, a partir de observações realizadas em uma disciplina de pós-graduação, no segundo semestre de 2018. A turma analisada possui 14 estudantes matriculados, adultos de diferentes sexos, idades e níveis de conhecimento sobre o tema. 10 participaram do experimento. Os professores titulares buscavam fomentar a busca pelo (re)conhecimento da relevância da hermenêutica para os processos de investigação dos estudantes de mestrado e doutorado, levando em consideração

a leitura de textos clássicos sobre essa temática - educação e hermenêutica, com a justificativa de desvelar os argumentos hegemônicos que se difundem atualmente nas escolas e nas discussões científicas do campo educativo, para provocar os participantes a ressignificar o próprio universo formativo e cultural.

Como metodologia de ensino, os docentes utilizaram a problematização do cotidiano, com estratégias de colocar o estudante em contato imediato com o conteúdo interpretativo do texto em sala de aula utilizando-se de leituras prévias, apreciações imagéticas e provocações. A reflexão apresentada também acontecia por meio de fatos concretos e charadas para a participação ativa no mundo, tendo no cronograma das aulas momentos em que os discentes iriam retomar as tradições hermenêuticas, possibilitando o encontro com o sentido próprio daquilo que se visualiza em coordenação de diálogos e debates com os professores da disciplina.

Observamos a aula ministrada por duas estudantes, em que foram trabalhados os conteúdos referentes à hermenêutica e à importância do contexto. No referido dia, inicialmente houve uma atividade em que o seguinte trecho, sem informações sobre sua procedência foi disponibilizado: “[...] tentou fugir, ele tentou cometer suicídio, ele cogitou matar seu dono, porque ele era muito cruel. O dono não gostava dele, e o vendeu porque estava criando muitos problemas”<sup>4</sup>. Depois de um breve tempo de leitura, em torno de dez minutos, foi solicitado que todos os 10 estudantes presentes na ocasião, acessassem o site da Mentimeter<sup>5</sup> e em uma frase descrevessem o que entenderam do texto, a partir da leitura que fizeram sem saber o contexto da situação. Na Figura 2 podemos ver as 10 respostas dos discentes.

---

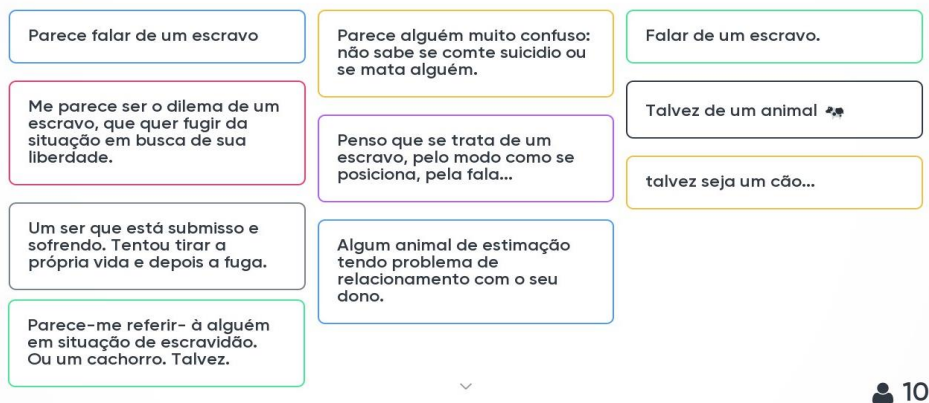
<sup>4</sup> Trecho recortado de uma reportagem sobre a autobiografia de um ex-escravo. Disponível em: <http://goo.gl/ag7FWZ>. Acesso em: 16 jul. 2018.

<sup>5</sup> Plataforma *online* com atividades. Disponível em: <http://www.menti.com>. Acesso em: 16 jul. 2018.

**Figura 2:** Atividade observada

## O que você compreendeu sobre o trecho do texto?

Mentimeter



Fonte: Elaboração própria.

Todas as respostas foram projetadas no quadro para que a turma pudesse ver e discutir sobre tais resultados imediatos a respeito do conteúdo do texto. Daí em diante, as duas responsáveis pelas provocações do conteúdo da aula em questão, desenvolveram a atividade e debateram com os sujeitos participantes sobre as respostas que mais se aproximaram e das que mais se distanciaram da real situação, fazendo a relação com a importância de verificar o contexto na compreensão do objeto, para retomar a experiência da formação hermenêutica. Nesse momento, foi descrito o contexto do trecho e lida a seguinte mensagem:

Mahommah Gardo Baquaqua nasceu no século XIX onde hoje fica o Benin, na África, e em 1845 chegou ao Brasil dentro de um navio negreiro. Passou os dois anos seguintes trabalhando forçadamente em diversos estados brasileiros, e chegou a tentar o suicídio. Acabou conseguindo escapar e, nos Estados Unidos, publicou um relato autobiográfico sobre sua condição de escravo chamado *An Interesting Narrative. Biography of Mahommah G.*

*Baquaqua (Uma narrativa interessante. Biografia de Mahommah G. Baquaqua, na tradução do inglês).<sup>6</sup>*

Dentre as respostas obtidas, as mais pertinentes ao real entendimento, que se aproximaram da situação de escravidão, foram: “Parece falar de um escravo”; “Me parece ser um dilema de um escravo que quer fugir da situação em busca de sua liberdade”; “Penso que se trata de um escravo, pelo modo como se posiciona, pela fala...”; e “Fala de um escravo”. Diferenciando-se um pouco do contexto em evidência, observamos aquelas que indicaram uma percepção distorcida ou confusa, tais como: “Um ser que está submisso e sofrendo. Tentou tirar a própria vida e depois a fuga”; “Parece alguém confuso: não sabe se comete suicídio ou se mata alguém”; e “Parece referir-se a alguém em situação de escravidão. Ou um cachorro. Talvez”. Já em uma terceira categoria, alocamos as respostas mais distantes e contraditórias ao real contexto, a saber: “Algum animal de estimação tendo problemas com o seu dono”; “Talvez de um animal”; e “Talvez de um cão”. Vemos sucintamente no Quadro 1.

**Quadro 1:** Síntese das respostas

Respostas pertinentes ao contexto	Respostas distorcidas	Respostas contraditórias
Parece falar de um escravo	Um ser que está submisso e sofrendo. Tentou tirar a própria vida e depois a fuga	Algum animal de estimação tendo problemas com o seu dono
Me parece ser um dilema de um escravo, que quer fugir da situação em busca de sua liberdade	Parece alguém confuso: não sabe se comete suicídio ou se mata alguém	Talvez de um animal
Penso que se trata de um escravo, pelo modo como se posiciona, pela fala...	Parece referir-se a alguém em situação de escravidão. Ou um cachorro. Talvez	Talvez de um cão
Fala de um escravo		

Fonte: Elaboração própria (2018).

<sup>6</sup> Disponível em: <http://goo.gl/kQenn3>. Acesso em: 16 jul. 2018.

A começar por esse quadro-síntese de respostas, podemos observar que estas se diferenciaram significativamente. Foi possível verificar, ademais fixando-nos na reação da turma à posterior discussão do texto completo, que alguns estudantes ficaram confusos ao ter que descrever o que entenderam do trecho, sem possuir o contexto. Considerando as respostas dadas antes da contextualização do texto, foi trabalhado novamente o significado e as diferentes apreciações e julgamentos do recorte do texto, levando em conta o momento histórico, a situação, o personagem, a vivência interpretativa de conceitos educativos e as práticas interativas no mundo. Retomando essas análises e os novos elementos trazidos para colocar os discentes em contato imediato com o conteúdo interpretativo do texto, exploramos os conteúdos propostos para a aula: hermenêutica e contexto.

Mas, quando as regras metodológicas unem deste modo a interpretação com a aplicação, então sugere-se a interpretação de que investigação hermenêutica a abre à realidade, sob a guia do interesse pela conservação e ampliação da intersubjetividade de uma possível compreensão orientadora do agir. A compreensão de sentido dirige-se, segundo a sua estrutura, para o possível consenso dos agentes no âmbito de uma autoconhecimento transmitida. Chamamos a isto diferentemente do técnico, o interesse prático do conhecimento. (HABERMAS, 1968, p. 139). Esse fracasso exige uma série de processos de aprendizado pelos quais as partes conflitantes chegam a descentralizar as suas perspectivas egocêntricas e etnocêntricas de tal modo que possam incluir-se reciprocamente uma à outra na construção conjunta de um mundo mais amplo de relações interpessoais legítimas. (HABERMAS, 2004, p. 66-67).

Percebemos assim, a importância das discussões sobre o poder educativo do contexto para a compreensão dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, imprescindível para proporcionar uma leitura da sociedade em que vivemos e da qual participamos, somadas às iniciativas com os meios de comunicação do contexto observado. Ao lerem a frase desconectada do todo, desabilitando os participantes da leitura contextualizada das formas de expressão, alguns discentes, por intuição, conseguiram se aproximar da real situação, porém, outros chegaram a um entendimento bastante distorcido do universo cultural da situação. Consequentemente, verificamos com os autores pesquisados que para compreender “algo” é preciso averiguar não só este “algo”, mas todo o seu contexto para a requalificação do processo pedagógico em sua historicidade e

nas formas de uso da linguagem, para adquirir uma atitude hermenêutica frente ao diferentes tipos de manipulação e imposições do mundo.

## ASPECTOS CONCLUSIVOS

Concluimos que, no cenário atual da hermenêutica na educação, precisamos não só ensinar a compreensão, porque isso exige uma nova forma de atuação no campo da educação que passa por extrair das contradições o potencial semântico do discurso ainda distante das práticas de ensino, todavia abrir os olhos para as incompreensões e as distorções de (des)informação que permeiam o nosso cotidiano, quando não exercitamos a atitude crítico-investigativa de interpretar o contexto manipulador do mundo globalizado (HABERMAS, 1994).

A hermenêutica já foi vista como a simples tradução de textos, pertencentes a determinados universos culturais onde o conteúdo determinava o contexto, o fenômeno e o objeto em seu interpretar. Com base no referencial teórico adotado, verificamos que com o passar do tempo e a evidenciação do sujeito como ser histórico e cultural de um contexto sujeito a distorções, precisamos, mediante a práxis pedagógica, refinar o diálogo com o texto em termos de interpretação e compreensão, diretamente atrelado na contemporaneidade ao contexto linguístico e à crítica das ideologias de manipulação da cultura. Sendo assim, vemos que esse compreender constitui-se da totalidade do contexto em evidência, incluindo o estar-no-mundo, para que saibamos ler o que está oculto, distorcido ou manipulado no objeto analisado, no sentido de realizar uma leitura reflexiva como vínculo para saber diferenciar uma proposta de outra, por meio do contexto.

É nesse sentido que se discute a possibilidade da hermenêutica contribuir para a reflexão sobre o ensino e a pesquisa na educação, sempre determinada pelos contextos e pelos processos de compreensão mútua, que ganha sentido na e pela linguagem. Nesse aspecto, a hermenêutica utiliza o diálogo para quebrar as incompreensões e gerar a construção e (re)interpretação dessa cultura plural em que vivemos, bem como necessita de interlocuções humanas para que a palavra possa vincular outras compreensões, o que exige a abertura ao outro.

Abrangendo o compreender, temos um ato infinito de reconciliação com o outro, com a natureza, com a realidade e com o mundo da vida, pois a dinâmica da comunicação nunca ocorre apartada da história e dos contextos recentes. O que a pedagogia hermenêutica nos diz refere-se à produção dos



sentidos sobre o ato de educar e sobre os seus vínculos com a tradição, ou seja, a educação enquanto fenômeno sociocultural precisa adotar a atitude hermenêutica do diálogo para tecer relações e articulações teórico-práticas, a fim de resistir ao domínio da cientificidade que imperou sobre o fazer pedagógico desde que ignora o caráter contextual da experiência humana (HERMANN, 2002; FLICKINGER, 2010). Desse modo, aferimos que a situação hermenêutica é quando teoricamente se atingiu um ponto do qual é possível desenvolver uma visão historicamente contextualizada da existência e de algumas forças científicas congruentes com as necessidades humanas sobre um dado campo de pesquisa. De tal maneira, método e objeto vão se corrigindo constantemente, em um processo de vida, de relações humanas, políticas, culturais, etc. (STEIN, 2004).

Logo, essa situação se dá pela questão histórica do objeto investigado e, igualmente, pelo legado da tradição cultural e dos conhecimentos do pesquisador e do meio em que este está inserido. Aponta-se a necessidade do contexto para que a compreensão hermenêutica seja possível, relação esta que se comprovou a partir da atividade observada e nos conflitos projetados no relato de experiência. Mais especificamente, no momento em que ao retirar um trecho textual de seu contexto e apresentá-lo a 10 discentes, as respostas não foram uniformes e algumas bem distantes da real situação. Sem sombra de dúvidas, o reconhecimento e a legitimidade do contexto como inerente e necessário às pesquisas educacionais surge como condição à compreensão da totalidade humana da qual uma (auto)crítica poderia desenvolver-se. A tese da neutralidade metodológica é posta em xeque nesse contexto hermenêutico, visto que ela não pode domesticar e controlar as aspirações do mundo social e das pesquisas sobre uma humanidade inconclusa em termos das possibilidades de compreensão, desbloqueada pelo projetar-se humano do diálogo como um todo (HABERMAS, 1994).

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Adair. Educação, linguagem e mundo comum. **Anais...** Congresso Estadual de Teologia. 2016. p. 235-248.

ANDRADE, Mirian Maria; DE CERQUEIRA NETTO, Fernando Paulino. Hermenêutica de profundidade: um referencial, dois ensaios e alguns apontamentos. **Zetetike**, v. 27, p. e019015-e019015, 2019.

CROCOLI, Daniel José. **Hermenêutica e educação: o movimento da compreensão em Gadamer**. 2012. 88f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/xExV7e>. Acesso em: 13 nov. 2018.

DALBOSCO, Cláudio Almir; SANTA, Fernando Dala; BARONI, Vivian. A hermenêutica enquanto diálogo vivo: contribuições para o campo da pesquisa educacional. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 145-153, jan./abr. 2018.

FLICKINGER, Hans-Georg. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas: Autores Associados, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. Da palavra ao conceito, a tarefa da hermenêutica enquanto filosofia. In: ALMEIDA, Custódio Luís Silva de; FLICKINGER, Hans-Georg; ROHDEN, Luiz (Org.). **Hermenêutica filosófica**. Nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 13-26.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1968.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e Ciência como Ideologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

HABERMAS, Jürgen. **Verdade e justificação: ensaios filosóficos**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

HERMANN, Nadja. **Validade em educação: intuições e problemas na recepção de Habermas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

JOSGRILBERG, Rui. Que é hermenêutica? **Revista Internacional d'Humanitats**, São Paulo Barcelona: CEMOrOc-Feusp/Univ. Autònoma de Barcelona, v. 39, p. 1-12, 2017.

KUHN, Martin; CALLAI, Helena Copetti. Teoria crítica, hermenêutica e formação de professores: contribuições de Mario Osorio Marques. **Revista Pedagógica**, v. 22, p. 1-19, 2020.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. Edgar Morin: é preciso educar os educadores. **CONTI outra (online)**. Entrevista concedida à Fronteiras do Pensamento, 2018. Disponível em: <http://www.contioutra.com/edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores>. Acesso em: 11 nov. 2018.

PALMER, Richard. E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

PEREIRA, Rodolfo Viana. **Hermenêutica filosófica e constitucional**. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

SIDI, Pilar de Moraes; CONTE, Elaine. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1942-1954, out./dez. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/9ZhvUj>. Acesso em: 01 set. 2018.

STEIN, Ernildo. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

*Recebido em 09 de abril de 2020*

*Aprovado em 17 de junho de 2020*